

A ESCOLHA DA ESPERANÇA

É ousado dizer que a esperança é uma escolha! Isto seria muito contraditório com a avalanche de informações que todos os dias cai nas nossas telas, nos nossos jornais, mesmo com os numerosos rumores que circulam: vejamos a situação na Ucrânia, na Palestina, no Sudão... e também nestes pequenos guerras latentes que surgem periodicamente e que alguns de nós conhecemos. As situações políticas também são preocupantes, mesmo em países que até agora gozavam de alguma estabilidade graças a um sistema democrático comprovado. Chefes de Estado eleitos de forma totalmente transparente escondem ou revelam intenções dignas de grandes ditadores. O mundo do dinheiro torna-se o do poder. E a nossa Igreja também não está salva! A nível pessoal, podemos enfrentar o desafio da idade, da reforma, das dificuldades de trabalho e de habitação, do isolamento e do elevado custo de vida. Aqui temos todos os bons motivos para nos desesperarmos com o futuro e até com o presente.

Isso é realmente específico dos nossos tempos? Há algumas semanas comemoramos o nascimento de Jesus, nosso Salvador. Muitos perigos já pairavam sobre a creche visitada pelos pastores, homens mais ou menos marginalizados. devido à sua profissão, visitada também por estes sábios estrangeiros que vieram de longe. E agora o rei Herodes vai atacar o menino Jesus, com medo de que ele tome o seu lugar. A família de Nazaré, depois de ser obrigada a ir a Belém para o censo, foi forçada ao exílio até a morte do tirano. A situação na Palestina não é das mais encorajadoras: o ocupante romano está a fazer exigências muito duras ao povo. O poder religioso, nas mãos de uma grande família sacerdotal, pressiona as pessoas comuns, constringendo-as com práticas impossíveis. A corrupção é frequente tanto por parte dos ocupantes como dos ocupados.

E Jesus viverá 30 anos nestas condições em Nazaré, em total incógnito, na simplicidade de uma vida absolutamente comum, ao ritmo das estações e das festas religiosas. Até o dia em que, impulsionado pelo Espírito, ele sairá deste anonimato e declarará na sinagoga do seu povo:

“O Espírito do Senhor está sobre mim... Ele me ungiu para levar a Boa Nova aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos cativos e recuperação da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor” Lucas 4:18-19.

Tendo em conta uma profecia de Isaías (61,1-2), ele acaba de acender a bela chama da Esperança no seu mundo atormentado. Mas no final ele será expulso pela população de sua cidade, que não leva a sério esse pregador improvisado que todos pensam conhecer.

Os tempos mudaram tanto? O que estava acontecendo na Palestina ainda se repete no nosso mundo.

O JUBILEU: “UM ANO DA GRAÇA DO SENHOR”

Se decidi começar estas linhas com uma visão um tanto pessimista, é para mostrar que a esperança não é uma escolha fácil, mas está enraizada na própria vida de Jesus desde os primeiros momentos da sua existência terrena. O que ele veio trazer ao mundo foi um grande sopro capaz de renová-lo, mas também de fundar uma comunidade que se encarregasse da sua missão. Esta cadeia de transmissão da

Esperança não parou até nós. Jesus anunciou “um ano de graça da parte do Senhor”. E aqui entramos num “Ano Jubileu”, significado simbolicamente pela abertura de uma das portas das Basílicas de Roma e do mundo reservadas para este fim. O nosso Papa Francisco convida-nos a tornarmo-nos “Peregrinos da Esperança”.

“Todos estão esperançosos. A esperança está contida no coração de cada pessoa como desejo e expectativa de bem, embora sem saber o que o amanhã trará. A imprevisibilidade do futuro suscita por vezes sentimentos contraditórios: da confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham para o futuro com ceticismo e pessimismo, como se nada pudesse lhes trazer felicidade. Oxalá o Jubileu seja para todos uma oportunidade para reacender a esperança. A Palavra de Deus ajuda-nos a encontrar as razões (“A esperança não decepciona” nº 1).

Por isso fomos convidados a passar por esta porta, para nos tornarmos “Peregrinos da Esperança”. » reavivar esta pequena chama talvez bruxuleante: é o próprio Espírito do Senhor em nós. Se ainda não foi feito, vamos dar o primeiro passo, é sempre o primeiro que é difícil. Podemos ter dúvidas, como se este convite fosse uma ilusão. Pensemos nos discípulos de Emaús que regressavam de Jerusalém na tarde da ressurreição de Jesus: «Esperávamos que ele libertasse Israel» (Lc 24,21). Seus olhos se transformaram em desespero e morte enquanto o próprio Jesus estava entre eles. Foi quando partiram o pão que os seus olhos se abriram: o sinal desta partilha foi suficiente para despertar a sua fé. E os dois peregrinos regressam a Jerusalém para anunciar esta boa notícia aos seus companheiros.

Se a nossa esperança for testada, abramos os olhos. Cristo não viaja conosco?

ESPERE, ACREDITE, AME.

Mas o que é esperança? Em que podemos basear a nossa Esperança? Fé, Esperança e Amor são irmãs trigêmeas inseparáveis. Eles não conseguem viver sem os outros dois, mesmo não tendo exatamente o mesmo rosto. São irmãs, é o mesmo sangue que corre em suas veias: o de Jesus que deu a vida por nós e pelos filhos de Deus dispersos.

“A esperança”, escreve o Papa Francisco, “de facto, nasce do amor e baseia-se no amor que brota do Coração de Jesus trespassado na cruz... E a sua vida manifesta-se na nossa vida de fé que começa com o batismo. , desenvolve-se na docilidade à graça de Deus, conseqüentemente animado pela esperança sempre renovada e inquebrantável pela ação do Espírito Santo (2)

A esperança nasce da fé em Jesus, alimentada pelo amor que brota do seu Coração trespassado. O Papa Francisco cita a carta de Paulo aos Romanos (2):

“...nos orgulhamos da esperança de compartilhar a glória de Deus. [...] A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações através do Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,1-2.5).

Crer nos desperta para a vida cristã, fizemos a escolha e a fazemos novamente nos momentos fortes da nossa vida. A fé é uma base sólida e sustenta as outras duas. É Ela quem nos abre à Esperança e nos deixa passar pela porta, e nos torna “Peregrinos da Esperança”.

“Não é por acaso que a peregrinação é um elemento fundamental de qualquer evento jubilar. Começar é típico de quem busca o sentido da vida” (5).

Esperar, acreditar e amar dão sentido à nossa existência, e vemos ao nosso redor que o nosso mundo carece de sentido, e às vezes procura preencher essa falta com artifícios fugazes. Como implementá-lo em nossas vidas?

ELES DÃO CARNE À NOSSA ESPERANÇA.

A esperança precisa encarnar-se na nossa vida e não pode deixar-nos nas nuvens como se fosse apenas um sonho. E isso só pode ser feito saindo de nós mesmos. Jesus proclamou a Boa Nova do Reino de Deus, mas concretizou as suas palavras com ações: curando os doentes, perdoadando os pecadores, elevando os desesperados oferecendo-lhes um futuro. Este foi o seu projeto na sinagoga de Nazaré, e toda a sua vida pública foi o seu desenvolvimento. O apóstolo Pedro disse dele em poucas palavras: “Ele andou fazendo o bem” (Atos 10:38). O Irmão Carlos, incapaz de anunciar o Evangelho com as suas palavras, continuará este caminho, optando pelo ministério pastoral da bondade. E esta bondade está ao nosso alcance, repete o Papa Francisco:

“É por isso que o apóstolo Paulo nos convida: “Tende a alegria da esperança, permaneçei firmes nas provações, sede diligentes na oração” (Rm 12,12). Sim, devemos «transbordar de esperança» (cf. Rm 15,13) para testemunhar de modo credível e atraente a fé e o amor que levamos no coração; para que a fé seja alegre e a caridade entusiasta; para que todos possam dar até um sorriso, um gesto de amizade, um olhar fraterno, uma escuta sincera, um serviço gratuito, sabendo que, no Espírito de Jesus, isto pode tornar-se uma semente fecunda de esperança para quem a recebe. 8)

Há alguns dias, em janeiro, eu estava com dificuldades para voltar ao trabalho devido à notícia que compartilhei com vocês no início deste post. Além disso, era segunda-feira, depois das férias, me vi preso na frente do computador: síndrome da página em branco! E eu tive que seguir em frente com esse trabalho sobre Hope. Então, saí do meu escritório e fui visitar um dos meus velhos amigos que era tão velho quanto eu, trabalhava muito com entretenimento e morava não muito longe da minha comunidade. Ele ficou cego e mora em um quatinho no sexto andar de um apartamento sem elevador. Ele desce todas as manhãs para ir à missa numa igreja próxima, faz compras, prepara a única refeição do dia... Enfim, fui vê-lo. Ele está no escuro, às vezes no frio, sozinho. Pensei que estava lhe dando um pouco de conforto, mas foi ele quem, graças à sua serenidade, à sua paz interior, à sua fé, à sua esperança de que um dia o Senhor viria buscá-lo, me confortou. E voltei para casa conquistado pela graça tranquila que emana deste homem.

“A imagem da âncora evoca a estabilidade e a segurança que temos em meio às águas turbulentas da vida se confiarmos no Senhor Jesus. As tempestades nunca poderão prevalecer porque estamos ancorados na esperança da graça que é capaz de nos fazer viver em Cristo triunfando sobre o pecado, o medo e a morte. Esta esperança, muito maior que as satisfações quotidianas e a melhoria das condições de vida, leva-nos além das provações e impele-nos a caminhar sem perder de vista a grandeza da meta a que somos chamados, o Céu (Papa Francisco n. 25).

Paris, 16 de janeiro de 2025

+Claude Rault.